



Nova tarifa dos EUA volta a preocupar setor sucroenergético

Pedro Robério Nogueira avalia que a nova tarifa de 25% compromete a competitividade das exportações de açúcar e pode reduzir a receita do setor sucroenergético. A decisão do governo dos Estados Unidos de aplicar uma tarifa adicional de 25% sobre produtos brasileiros voltou a acender o sinal de alerta no setor sucroenergético. Para o presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Etanol no Estado de Alagoas (Sindaçúcar-AL), Pedro Robério Nogueira, a medida representa um novo obstáculo para um segmento que já enfrenta um cenário internacional de preços mais baixos e redução das margens de comercialização. Segundo o dirigente, o setor chegou a vislumbrar uma melhora após a decisão da Suprema Corte norte-americana que afastou a tarifa de 50% anunciada anteriormente, permitindo a adoção de uma alíquota de 10%. A nova taxa de 25%, entretanto, volta a reduzir a competitividade do açúcar brasileiro no mercado americano. "O efeito da taxa de 50% foi atenuado pela decisão da Suprema Corte americana, que a condenou e foi substituída por uma tarifa de 10%. Essa atual de 25% terá um efeito mais danoso", afirma Pedro Robério. O presidente do Sindaçúcar-AL explica que as exportações de açúcar para os Estados Unidos são realizadas, essencialmente, por meio da chamada Cota Americana, mecanismo que assegura ao Brasil um volume anual de exportações em condições preferenciais.



Alagoas participa de forma expressiva desse mercado, respondendo por aproximadamente metade da cota brasileira. Segundo ele, a exportação de açúcar para os Estados Unidos fora desse regime preferencial permanece inviável do ponto de vista econômico. "Não existe possibilidade de exportação de açúcar para os EUA fora da cota preferencial, pois a tarifa normalmente já alcança 101% e agora será acrescida de mais 25%. Fica inviável." Pedro Robério observa que a alternativa de direcionar esse volume para outros mercados também apresenta limitações. Além da dificuldade de ampliar espaços já ocupados pelo açúcar brasileiro, os preços praticados no mercado internacional são significativamente inferiores aos pagos pelos importadores norte-

americanos. "A opção de direcionar essa cota ao mercado mundial é restrita, porque já ocupamos os outros mercados. Mesmo conseguindo realocar esse volume, teremos uma perda de receita estimada em cerca de US\$ 32 milhões, pois o preço pago pelos Estados Unidos é muito superior ao do mercado mundial." Para o presidente do Sindaçúcar-AL, o momento exige prudência e reforça a importância da continuidade das negociações diplomáticas entre os governos brasileiro e norte-americano. A expectativa do setor é que seja construída uma solução que restabeleça condições de competitividade para o açúcar brasileiro, preservando investimentos, empregos e a sustentabilidade de uma das principais cadeias produtivas do Nordeste.

ACOMPANHAMENTO DA PRODUÇÃO

COMPARATIVO DE SAFRAS - 2024/25 X 2025/26

Safra	Posição Acum. em	Cana Moída (t)	Açúcar Total (t)	Alcool Total (m³)	Recuperação Industrial (Kg ATR / Ton Cana)
2024/25	30/ABR/25	17.495.056	1.612.744	405.617	139,10
2025/26	30/ABR/26	17.793.767	1.418.250	483.274	133,14
Variação	%	1,71%	-12,06%	19,15%	-4,28%

Var. % = safra 25/26 sobre 24/25

CONSECANA-AL

Preço da Cana-de-Açúcar*

Mês: Junho - 2026

SAFRA: 2025/2026

PREÇO MÉDIO - R\$/Kg ATR		
	Bruto	Líquido
Média Mês	1,1896	1,1718
Média Acumulada	1,1967	1,1787

* O preço da tonelada de cana depende da quantidade de ATR obtida. ATR = Açúcar Total Recuperável

Sindaçúcar-AL
O açúcar e o etanol desenvolvendo AlagoasAv. Dr. Antônio Gomes de Barros, 625 - Salas 518 - Jatiuca, Maceió/AL
Edif.: The Square Park Office - CEP: 57036-001 - www.sindacucar-al.com.br